

# **Comércio Internacional**

**TEORIAS, POLÍTICAS E CASOS PRÁTICOS**

**2018**

**Ana Paula Africano**

**Francisco B. Castro**

**Miguel Fonseca**

**Óscar Afonso**

**Rosa Forte**

**Rui Henrique Alves**

  
**ALMEDINA**

**COMÉRCIO INTERNACIONAL**  
**TEORIAS, POLÍTICAS E CASOS PRÁTICOS**

**AUTORES**

Ana Paula Africano

Francisco B. Castro

Miguel Fonseca

Óscar Afonso

Rosa Forte

Rui Henrique Alves

**EDITOR**

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76-80

3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net · editora@almedina.net

**DESIGN DE CAPA**

FBA.

**PRÉ-IMPRESSÃO**

EDIÇÕES ALMEDINA, SA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Setembro, 2018

DEPÓSITO LEGAL

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



ALMEDINA

GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
COMÉRCIO INTERNACIONAL

Comércio internacional : teorias, políticas e  
casos práticos / Ana Paula Africano... [et al.]

ISBN 978-972-40-7560-0

I – AFRICANO, Ana Paula

CDU 339

## PREFÁCIO

Correspondo com imenso agrado ao amável convite dos seis coautores deste manual, tendo designadamente em conta os múltiplos pressupostos relacionais que me foram transmitidos como seu principal fundamento pelo porta-voz do grupo, o Prof. Óscar Afonso. Na realidade, e apenas com uma exceção, todos eles foram meus alunos e/ou meus assistentes naqueles anos que se seguiram ao meu regresso à atividade docente na FEP após um processo de Doutoramento por bandas académicas e aplicadas parisienses.

Foi-me de facto sublinhado que, entre outros motivos, um tal convite tinha muito a ver com esses treze anos letivos (1983-1996) em que, imodestamente o digo, quero crer ter contribuído para uma significativa reformatação do ensino da Economia Internacional na FEP, designadamente no sentido de o conseguir dotar, em moldes relativamente equilibrados, de uma acrescida espessura teórica e empírica, quer através de uma maior abertura concetual e modernidade científica quer por via da transmissão de um conhecimento mais apelativo porque mais ajustado à realidade concreta.

Convirá talvez recordar que o ensino da Economia Internacional na FEP – uma cadeira que assumia, então, a designação de Economia III (correspondendo, em termos genéricos, a I à Microeconomia, a II à Macroeconomia e a IV ao Crescimento Económico) – privilegiara durante longos anos uma lógica sebenteira e significativamente tributária de uma réplica vulgarizadora dos principais manuais americanos disponíveis – no melhor dos casos, sob a predominante inspiração do velho Kindleberger –, nela se incluindo a descosida colagem de um apêndice final de Economia Monetária Internacional (matéria que, aliás, nem sempre era alcançável em termos de desenvolvimento programático).

O mérito da primeira grande mudança séria e substantiva que foi levada a cabo na lecionação desta área disciplinar na FEP deve ser atribuído ao nosso colega António Figueiredo que, no âmbito de uma disciplina (então batizada como Teoria das Relações Económicas Internacionais) que regeu após os significativos e desafiantes choques de 1974/77 e em que contava com a colaboração de vários outros Assistentes (retenho o especial contributo do José Manuel Cerqueira, hoje em Angola mas também Doutor na especialidade), abriu as hostilidades, limpando poeiras entranhadas e trazendo novas aragens.

Mas a opção do António Figueiredo por uma incursão académica preferencialmente focada no domínio do Desenvolvimento e Crescimento Económico – onde a sua consistência intelectual, a sua capacidade pedagógica e o seu conhecimento e competências acabaram por primar a grande altura durante mais de três décadas – acabaria por estancar o prosseguimento desses esforços precursores que dedicou a temas de Economia Internacional. Foi assim com naturalidade que acedi, após a minha chegada de Paris, à regência da disciplina e que, ainda fortemente marcado pelos ventos externos que tanto e tão positivamente me marcaram, me decidi a aprofundar aquele caminho reformador introduzindo no programa um adicional conjunto de dimensões inovadoras. Conte para tal com o inestimável contributo do meu amigo e colega de cadeira Manuel Guilherme Costa – que saíra comigo e também estagiara no CEP II – e fui, no correr dos anos, contando com a valiosa colaboração de vários outros Assistentes da Casa – do José Alfredo Azevedo ao Helder Valente, da Carla Chousal à Leonor Sopas, do Rui Henrique Alves ao Francisco Castro, para só citar alguns.

Ainda que de forma necessariamente subtil, bem entendido, julgo reconhecer a permanência de alguns desses meus objetivos na atual matriz definidora da unidade curricular para que os seis autores hoje se inclinam. Desde logo, na sua introdução, através de uma componente factual e empírica que sempre entendi imprescindível – creio mesmo que os indicadores terão deixado uma sinalização útil e indelével nas centenas de alunos que os tiveram de conhecer, apreender e saber aplicar. Depois, na abordagem central da teoria do comércio internacional, onde ao eixo nuclear dos clássicos Smith e Ricardo (a vantagem absoluta e a vantagem comparada, ainda e sempre o alfa e o ómega de todo o raciocínio económico inter-nacional) se juntaram os multifacetados desenvolvimentos possíveis em torno dos chamados determinantes da troca (neo-fatoriais e neo-tecnológicos, procura, economias de escala, etc.). Adicionalmente, na ideia da indispensabilidade de uma abordagem de tópicos

menos tradicionais e/ou com nítido potencial ascensional de relevância, hoje o investimento internacional e as empresas multinacionais, por exemplo, como à época a tentativa de dar corpo a uma visão da Economia Internacional não excessivamente agarrada à ideia mecanicista de uma separação analítica viável entre o real e o monetário – tópico este que, admito, talvez possa ter perdido algum do seu sentido fundamental, designadamente se se quiser acreditar que a cabeça dos responsáveis de disciplinas conexas possa ter evoluído para fora da pobre e constrangedora ortodoxia em que funcionava, por um lado, e se se lerem com olhos de ler muitos dos acontecimentos que foram marcando a economia mundial nas últimas décadas e os complexos contornos financeiros que tolhem as potenciais virtualidades da globalização, por outro.

Naqueles tempos a que venho aludindo, os manuais tradicionais exerciam sem grande oposição a sua influência ideologicamente agregadora. Mas um momento houve em que emergiu, com a chancela de Paul Krugman (a quem se juntaria mais tarde Maurice Obstfeld), um manual razoavelmente alternativo e já bastante elaborado, o qual de imediato se tornou a obra que íamos aconselhando sempre que nos era solicitado um livro de consulta e referência aproximado ao espírito rebelde e fresco da disciplina. Não obstante, e seguindo uma prática louvável que entendíamos como um dever, sempre procurávamos produzir documentação própria de suporte a cada tópico do programa, escrevendo textos de orientação que marcavam o conteúdo e o ritmo das matérias e juntando-lhes cópias de artigos ou capítulos de livros que ajudavam na complementação e no aprofundamento dos temas em questão. E, pelo meio de tudo isto, ainda se misturavam os populares apontamentos de aulas que eram organizados pelo Ruizinho e que nenhum aluno que se prezasse deixava de fotocopiar...

Os anos passaram, os tempos mudaram, as matérias e os materiais foram-se consolidando. Mas continuava a faltar aos alunos – uma falta cada vez mais injustificada à luz do acumulado esforço desenvolvido por tantas cabeças em tantos milhares de horas de estudo, investigação e lecionação – um manual de referência com a marca da Casa. Chega agora, e em boa hora, a sua hora! Pessoalmente, e mesmo que possa ter a sua verdade a hipótese de esta nobre tarefa a que se devotaram os seis coautores – a publicação de um manual de Comércio Internacional – poder ainda ter alguma reminescente filiação na dinâmica de trabalho que se foi estabelecendo naqueles longínquos anos, quero sobretudo salientar a continuidade efetiva e aumentada que todos estes mais jovens professores lhe foram conferindo com o respetivo cunho pessoal

e o peso específico do conhecimento e experiência que foram acumulando. Termino, por isso, declarando com a devida solenidade que considero finalmente encerrado o trajeto que encetei há trinta e cinco anos e – vinte e dois passados sobre a minha última regência de Economia Internacional na FEP – que o avalio como adequadamente cumprido nas páginas deste manual que não escrevi – páginas nunca acabadas, ainda assim, e como não pode deixar de ser por parte de quem cresceu a testemunhar a vertiginosa rapidez das mudanças que nos enquadram e envolvem e a consciencializar a pertinência de aprendizagens contínuas e assentes em abordagens despidas de dogmas e fechamentos estéreis. Resta-me, pois, o principal: felicitar vivamente e saudar orgulhosamente todos e cada um dos membros deste “bando dos seis”, sugerindo-lhes que tragam outros amigos também para as reedições que inevitavelmente se seguirão!

Porto, Agosto 2018

FERNANDO FREIRE DE SOUSA

## ÍNDICE

<b>CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO À ECONOMIA MUNDIAL</b>	13
1.1. Comércio Internacional – Dados e Factos	14
1.2. Factos e tendências do Comércio Mundial	16
1.2.1. Produção <i>versus</i> Exportações	16
1.2.2. Geografia do Comércio Mundial – Principais países e regiões no comércio mundial	17
1.2.3. Composição do Comércio Mundial	25
1.2.4. Investimento Direto Estrangeiro – A liberalização da circulação internacional do capital	32
1.3. Medidas/indicadores da internacionalização das economias e das empresas	38
1.3.1. Introdução	38
1.3.2. Grau de abertura	40
1.3.3. Elasticidade das Exportações/Importações em relação ao PIB	42
1.3.4. Taxa de Cobertura	43
1.3.5. Coeficientes Estruturais	46
1.3.6. Indicador de vantagens comparativas reveladas	53
1.3.7. Indicadores de comércio intra-ramo (intra-indústria)	54
1.3.8. Indicadores de internacionalização das empresas	57
<b>CAPÍTULO 2. TEORIAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL</b>	59
2.1. Teorias baseadas na vantagem comparativa	60
2.1.1. Teoria clássica do comércio internacional	60

2.1.2. Teoria neoclássica	80
2.1.3. A comprovação empírica dos modelos de base	107
2.2. O modelo de Ricardo em termos monetários	114
2.2.1. Salários relativos e especialização	114
2.2.2. Taxa de câmbio, Razão de Troca Internacional (RTI) e ganhos da troca	118
2.2.3. Impacto de alterações na taxa de câmbio	119
2.2.4. Impacto de alterações nos custos unitários	120
2.2.5. Modelo de Ricardo com moeda – generalização a n bens	122
2.3. Outras teorias explicativas do comércio internacional	126
2.3.1. Diferença nas dotações fatoriais: abordagens neo-fatoriais	127
2.3.2. Diferença na tecnologia: abordagens neo-tecnológicas	129
2.3.3. O papel da procura: teoria de Linder (1961)	142
2.3.4. O papel das economias de escala internas e a concorrência imperfeita	144
2.3.5. Economias de escala externas	160
<b>CAPÍTULO 3. POLÍTICA COMERCIAL EXTERNA</b>	<b>163</b>
3.1. Instrumentos de política comercial externa	164
3.1.1. Procura de Importações, Oferta de Exportações e Preço de Equilíbrio Mundial	165
3.1.2. Tarifa	168
3.1.3. Quota às importações	181
3.1.4. Subsídio às exportações	184
3.1.5. Imposto às exportações	185
3.1.6. Quota às exportações	187
3.1.7. Restrição voluntária às exportações (RVE)	189
3.1.8. Síntese dos efeitos dos vários instrumentos de política comercial	190
3.1.9. Outros instrumentos de política comercial	191
3.1.10. Casos práticos	192
3.2. Protecionismo versus comércio livre: custos e benefícios	193
3.2.1. Argumentos a favor do comércio livre	193
3.2.2. Argumentos a favor do protecionismo	196
3.3. Globalização e integração regional	209
3.3.1. Introdução	209
3.3.2. Tipos de integração	210



3.3.3. Efeitos estáticos	213
3.3.4. Efeitos dinâmicos	217
3.3.5. A integração europeia	220
3.4. Negociações internacionais e política comercial	226
3.4.1. A Organização Mundial do Comércio	226
3.4.2. Os princípios reguladores da OMC	231
3.4.3. Portugal e a OMC	235
3.4.4. A Ronda de Doha e o futuro da OMC	236
3.4.5. Multilateralismo vs. acordos regionais de comércio	237

## **CAPÍTULO 4. OUTROS TÓPICOS DE COMÉRCIO**

<b>INTERNACIONAL</b>	241
4.1. A equação gravitacional e padrões de comércio	242
4.1.1. A equação base	244
4.1.2. Outros fatores explicativos dos padrões de comércio	244
4.2. Cadeias de valor global	246
4.2.1. Definição e fatores explicativos	246
4.2.2. Implicações para os fluxos de comércio internacional	248
4.2.3. Implicações para a política comercial externa	252
4.3. Multinacionais e investimento direto estrangeiro (IDE)	254
4.3.1. Conceito e principais características do IDE	254
4.3.2. Motivações do IDE	259
4.3.3. Teorias do IDE e da empresa multinacional	263
4.3.4. O impacto do IDE	280
4.4. Inovação, crescimento e comércio	291
4.4.1. Análise estática	292
4.4.2. Análise dinâmica	296

<b>Bibliografia</b>	329
---------------------	-----



# Capítulo 1

## Introdução à Economia Mundial

Desde meados do século passado que a economia mundial assiste ao desenvolvimento e intensificação sistemática das relações económicas internacionais. Este processo tem sido sustentado, por um lado, por políticas de liberalização do comércio mundial, mas também do investimento internacional. Por outro lado, se inicialmente poucos países participavam neste processo, a partir dos anos 70 o número de países envolvidos foi aumentando exponencialmente, sendo atualmente um processo global.

Este capítulo apresenta sumariamente as principais tendências da evolução do comércio mundial de bens e serviços e do investimento direto estrangeiro. Adicionalmente, apresentam-se algumas métricas úteis à medição, análise e interpretação destes fenómenos.

### Objetivos de aprendizagem:

- Identificar as principais tendências observadas no desenvolvimento do comércio mundial e principais fatores explicativos;
- Identificar os principais atores, a geografia e a composição do comércio mundial;
- Identificar tendências no desenvolvimento do Investimento Direto Estrangeiro, principais atores;
- Identificar as métricas de análise do comércio internacional e competitividade;
- Aplicar as métricas de análise do comércio internacional e analisar o seu significado.